



**Centro Universitário de Brasília  
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

## **A RELEXICALIZAÇÃO NA ESFERA MIDIÁTICA:**

**Análise das inovações lexicais segundo a Análise de Discurso Crítica**

**Leila Rodrigues de Macêdo Oliveira\***

### **RESUMO**

O objeto do presente estudo é a relexicalização na esfera midiática, tendo como suporte teórico a Análise de Discurso Crítica (ADC). Considerando a frequente ocorrência desse fenômeno, objetiva-se, com esta pesquisa, investigar o surgimento dessas inovações lexicais, bem como refletir sobre o processo de evolução da língua portuguesa falada no Brasil. Para essa finalidade, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para corroborar a análise descritiva e a coleta de dados foi feita por meio de jornais *on-line* em circulação no Brasil. Nessa direção, este trabalho pretendeu revelar o processo de inovação semântica no contexto abordado, apontando as motivações ideológicas que o léxico sofre para obter uma nova semântica, considerando, para essas ressignificações, contextos sociais, políticos e culturais.

**Palavras-chave:** ADC. Inovações lexicais. Mídia. Relexicalização.

---

\* Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção do Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos, sob a orientação da Profª Drª Solange de Carvalho Lustosa.

## 1 INTRODUÇÃO

A relexicalização é um fenômeno corrente na língua portuguesa. Pode-se entendê-la como um processo em que um termo adquire nova semântica de acordo com o contexto em que se encontra, sem sofrer nenhuma alteração morfológica. Esse evento interessa muito ao revisor de textos porque pode incidir nos mais variados gêneros textuais, trazendo hesitações acerca do limite das suas atribuições, ou seja, até em que ponto o revisor pode interferir, considerando que não pode agir como coautor desses gêneros.

O presente objeto de estudo é relevante para romper paradigmas relacionados à revisão de texto tradicional, focada na Gramática Normativa ou em manuais de redação como materiais de apoio únicos e exclusivos do revisor e por abordar esses temas que geram hesitação, trazendo-os para a realidade do revisor de textos, o qual tem de estar preparado para revisar textos, em suas mais diversas modalidades (gêneros), considerando todos os aspectos semióticos e discursivos que apresentar, bem como responder como a relexicalização dos termos que serão apresentados é feita pela mídia.

Os objetivos desta pesquisa são: refletir sobre a evolução da língua portuguesa falada no Brasil, analisando a ideologia como o discurso a serviço do poder, tendo como norte o processo de relexicalização na esfera midiática; fazer uma análise da ideologia presente nos termos coletados, de acordo com a Análise de Discurso Crítica; relacionar a relexicalização com as práticas de revisão e com a Gramática Normativa e refletir sobre a arbitrariedade x motivação do signo neste estudo.

Para alcançar os objetivos deste estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica, contemplando, também, a análise de dados coletados na esfera midiática. A coleta de dados foi feita por meio da ocorrência dos termos relexicalizados em alguns jornais *on-line* em circulação no Brasil, a saber: jornal *O Globo* e Portal G1, predominantemente no campo da política. A maioria dos termos foi localizada em matérias dos anos de 2016 e 2017. A pesquisa bibliográfica contempla leituras reflexivas de diferentes autores que já abordaram o tema em questão. Os resultados foram analisados no contexto em que foram abordados pela mídia, com base em fichas neológicas nas quais foram

considerados o contexto, o tipo de unidade, a fonte e domínio de referência. Por fim, foi apresentada a análise descritiva com base nos modos de operação de ideologia.

Este estudo está dividido em duas partes. Na primeira parte, apresenta-se o referencial teórico, enquanto a segunda consiste na descrição e na análise dos dados coletados. Por fim, expõem-se as considerações finais, nas quais são elencados os resultados desta pesquisa.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Linguística Textual**

Partindo da premissa de que a comunicação não ocorre em unidades isoladas (fonemas, morfemas, palavras soltas etc.), mas em unidades maiores (textos), e considerando que os textos (orais e escritos) são os únicos materiais linguísticos passíveis de análise, tem-se o texto como um fenômeno dotado de unidade de sentido. Mais especificamente, pode-se definir o texto com a seguinte afirmação: “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1977 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72).

De acordo com Marcuschi (2008, p. 73), a linguística textual aborda a produção e a compreensão de textos orais e escritos. Conforme a conceituação do autor, em uma perspectiva mais técnica, define-se a linguística textual como “o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso”.

Em consonância com Marcuschi (2008), Koch e Travaglia (2010) apontam para a importância dos elementos linguísticos para a composição da coerência textual. De acordo com o entendimento dos autores,

esses elementos servem como pistas para a ativação de conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto (...) todo o contexto linguística – ou *co-texto* – vai contribuir de maneira ativa na construção da coerência. (KOCH; TRAVAGLIA, 2010, p. 71-72).

Os autores citam, ainda, o conhecimento de mundo como peça importante e fundamental para a formação da coerência, tendo em vista que se o texto abordar assuntos desconhecidos pelo leitor, torna-se complexa a compreensão do seu sentido, tal qual um texto sem harmonia.

Nesse entendimento, as considerações acerca da linguística textual apresentados pelos autores Marcuschi (2008) e Koch e Travaglia (2010) estão imbricados com a ideologia como o discurso a serviço do poder, defendida por Thompson (2011), especificamente para este estudo, a ideologia presente em inovações lexicais na esfera midiática.

Considera-se, no âmbito deste estudo, que a compreensão da linguística textual relacionada ao conhecimento de mundo é a base para a compreensão desses termos relexicalizados, tendo em vista que eles não são passíveis de compreensão quando isolados e desconsiderado o seu contexto. É preciso, pois, que essa compreensão seja aliada à linguística textual visando a eficácia do entendimento da proposta deste estudo. Nessa perspectiva, apresenta-se, a seguir, os modos de operação da ideologia que embasarão o objeto desta pesquisa.

## **2.2 Modos de operação da ideologia**

Como o conceito de ideologia é muito importante para esta pesquisa e há várias considerações sobre o tema, sendo que algumas até mesmo se opõem, serão utilizadas as contribuições de Thompson (2011). A escolha se pautou por elas, por meio dos modos de operação da ideologia, poderem ser operacionalizáveis para este objeto de estudo. Para Thompson (2011), a ideologia deve ser entendida como o discurso a serviço do poder. Ainda, segundo o autor (2011, p. 81 a 88), são cinco modos que operam a ideologia, a saber: “*legitimação*”, “*dissimulação*”, “*unificação*”, “*fragmentação*” e “*reificação*”. Esses modos podem estar associados a várias estratégias de construção simbólica e estabelecem e sustentam relações de dominação. Nessa relação, esses modos podem se sobrepor e se reforçar mutuamente e a ideologia pode, em contextos distintos, operar de outras formas. Para fins desta pesquisa, serão conceituados e exemplificados os modos: *dissimulação* e *fragmentação*.

A *dissimulação* é sustentada por três pilares: *deslocamento*, *eufemização* e *tropo*. Na *dissimulação*, o produtor busca relações de dominação que podem ser estabelecidas e sustentadas de forma oculta, obscura. O *deslocamento* é utilizado para referir-se a um sujeito/objeto, referindo-se a outro, atribuindo as conotações positivas ou negativas a esse sujeito/objeto. Na *eufemização*, as ações são formadas por uma construção simbólica em que as relações sociais são descritas com o objetivo de despertar a valorização positiva das ideologias. O *tropo* é um grupo de estratégias formado, de modo geral, por construções simbólicas empregando o uso figurativo da linguagem.

Para subsidiar esse entendimento acerca do deslocamento proposto por Thompson (2011), e, posteriormente defendido por Bréal (2005), recorreu-se às amostras *lava-jato*, *coxinhas*, *mortadelas*, *lacrar*, *pedaladas*, *laranja* e *unha encravada*, que serão analisadas posteriormente no item *descrição e análise de dados*. Os termos apresentados adequam-se ao exemplo em questão, tendo em vista que quando retirados de um contexto costumeiramente utilizados, assumem uma nova semântica em outros contextos, configurando, portanto, uma inovação lexical, neste estudo, uma relexicalização. Das amostras expostas acima, pode-se citar *pedaladas* como um exemplo mais claro de *tropo*, visto que caracteriza o uso figurativo da linguagem para dissimular uma relação de poder. O referido termo foi utilizado metaforicamente para se referir à “pedalada fiscal”, ou seja, atraso proposital de repasse de dinheiro a bancos públicos e privados e a autarquias. Nesse mesmo entendimento, a amostra *laranja* configura, também, um exemplo de *tropo*, por se referir, metaforicamente, a uma pessoa que tem o nome utilizado consciente ou inconscientemente para negociações ilícitas sem expor sua identidade.

Ainda sobre os modos de operação, a *fragmentação* se opõe à unificação, no que diz respeito à unificação de pessoas numa coletividade. Nela, os indivíduos que são potencialmente capazes de causar dano aos grupos dominantes são segmentados. Dois pilares apoiam esse modo: *diferenciação* e *expurgo do outro*. A *diferenciação* é caracterizada pelas diferenças e divisões entre os indivíduos, construindo barreiras entre eles e grupos que estão no exercício do poder. O *expurgo do outro* é uma estratégia que envolve a

construção de um inimigo, seja interno ou externo, considerado mau e perigoso nas relações de dominação.

Tem-se, como exemplo de *fragmentação*, as amostras *coxinhas* e *mortadelas*. Nessas ocorrências, esses termos estão associados às ideologias políticas de direita e de esquerda, respectivamente. Os termos em questão, embora lexicalmente existentes, assumem um novo significado, sendo, portanto, uma relexicalização. Esses exemplos estão claramente associados ao pilar *expurgo do outro*, considerando-se que, nas relações de dominação, *coxinhas* e *mortadelas*, por possuírem ideologias políticas distintas, entram em um embate mútuo de um contra o outro, teoricamente, um bom contra um mau, que se repelem por não serem iguais. Nessa relação, o grupo que representa ameaça ao grupo dominante é segregado.

### 2.3 A inovação lexical

Para embasar a definição do objeto desta pesquisa, recorreu-se ao conceito de inovação lexical trabalhado por Correia e Lemos (2005). De acordo com a definição das autoras, pode-se compreender que os neologismos podem apresentar três tipos de inovação, são elas: formal, semântica e pragmática. Na inovação formal, os neologismos não apresentam uma forma atestada no estado anterior. É o caso de derivados e compostos novos e palavras de origem estrangeira. A inovação **semântica** é quando uma palavra já existente adquire uma nova acepção. A inovação pragmática resulta de uma palavra previamente usada em um contexto para outro da mesma língua. Essa inovação provoca, geralmente, uma nova semântica.

Essas inovações expostas pelas linguistas são constituídas consciente ou inconscientemente, para atender às mudanças socioeconômicas e culturais da língua. Correia e Lemos (2005) apresentam, ainda, os processos disponíveis para a inovação lexical, apontando que os léxicos da língua dispõem de três estruturas distintas para constituir novas palavras, são elas: “a construção de palavras, recorrendo a regras próprias da língua; a **atribuição de novos significados a palavras já existentes** e a importação de palavras de outras línguas” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 33, grifo meu).

De acordo com a conceituação das autoras, nesta pesquisa serão analisados termos associados à **inovação semântica**, tendo em vista que são palavras já existentes na língua portuguesa, mas que não sofreram alteração na sua estrutura, apenas no sentido. Como exemplo, tem-se o termo *lava-jato* que, no contexto abordado, perdeu o conceito original de instalação destinada à lavagem de automóveis e assumiu a acepção de nome de investigação policial.

## 2.4 A natureza do signo linguístico

De acordo com a conceituação de Saussure (2006, p. 79), a língua, quando reduzida à essência, é uma nomenclatura, ou seja, uma lista de terminologias que se referem a várias outras coisas. Segundo o autor,

Os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. (...) O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos (...) O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces (...). Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (SAUSSURE, 2006, p. 79 e 80).

De acordo com essa definição proposta pelo autor, é possível entender o signo linguístico como uma combinação entre o conceito e a imagem acústica. Nessa direção, o princípio da arbitrariedade do signo, que é o primeiro princípio apresentado por Saussure e, de acordo com o mesmo, o de primordial importância na análise linguística, não estaria relacionado com a conexão do signo com o mundo, com o que é designado pelo signo no mundo real. Os componentes do signo, a saber, o conceito (significado) e a imagem acústica (significante), é que sofrem uma conexão arbitrária.

Quando se trata de signo linguístico, proposto por Saussure, faz-se necessário tratar, ainda que superficialmente, acerca de signo social, definido por Lustosa (2013). De acordo com a conceituação da autora, o signo social é conveniente para mostrar a atuação de grupos sociais em relação à identidade.

Em complemento à definição de Saussure (2006, p. 133), quando o autor afirma que “tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da

palavra considerada como um domínio fechado existente por si próprio”, Lustosa (2013) defende que

(...) embora haja uma diversificação de tipos ou modelos de “mesa” aos quais o conceito “mesa” é atribuído – as variações do objeto físico não interferem no signo “mesa”. Para o que se pretende nesta pesquisa, no entanto, quando se tem uma proposição (estado de coisas) e não um objeto concreto, o signo se mantém conceitualmente aberto. (LUSTOSA, 2013, p. 124-125).

De acordo com a definição da autora, o signo, resultado de uma relação entre o significante e o significado, é negociável, ou seja, em contextos sociais que envolvem identidade e gêneros, por exemplo, o signo tende a ser aberto.

Para esta pesquisa, a definição de Lustosa (2013) acerca de signo social é relevante para reforçar a ideia de que o signo não é arbitrário, como propõe Saussure (2006), e que será abordado mais detalhadamente a seguir, mas motivado ideologicamente de acordo com o contexto em que está inserido.

## **2.5 A arbitrariedade do signo**

O estruturalismo perseverou o caráter “arbitrário” da estrutura linguística, considerando que não existe uma razão para que um significante (som) esteja associado a um significado (conceito). Isso esclarece o fato de que cada língua usa diferentes significantes para um mesmo significado. É um produto meramente convencional. É necessário ter um acordo, dado que não existe uma lógica.

De acordo com Saussure (2006, p. 81), a ligação entre o significante e o significado é meramente arbitrária, ou seja, é uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. Essa arbitrariedade ocorre na relação significante/significado, tendo em vista que as palavras não possuem a mesma representação fonética em todas as línguas. Em outras palavras, não há uma relação natural entre a realidade fonética de um signo e o seu significado.

Em oposição à teoria de Saussure (2006), Bréal (1992) entende que as inovações lexicais são motivadas pelo uso que se faz delas, ou seja, conforme o contexto de uso. Nesse entendimento, o estudioso sugere hipóteses



explicativas para a mudança de sentido das palavras. Uma delas versa sobre a generalização no âmbito de uso da palavra. Segundo o autor,

os pensadores e os filósofos têm o privilégio de criar palavras novas que impressionam por sua amplitude, pelo aspecto erudito de sua textura. Essas mesmas palavras passam em seguida ao vocabulário da crítica, e encontram desse modo seu ingresso no mundo dos artistas. Mas, uma vez recebidas no ateliê do pintor ou escultor, não tardam a se expandir no mundo da indústria e do comércio, que faz delas uso sem medida nem escrúpulo. É assim que, em um tempo relativamente curto, o vocabulário da metafísica vai alimentar a linguagem (...). (BRÉAL, 1904/1992, p. 80).

Nessa proposta descrita pelo autor, o sentido do termo tende a ampliar quando ocorre a extensão do contexto de uso de uma palavra. Essa ampliação é descrita pelo autor como um deslocamento de um sentido para outro, metaforicamente, e que faz essa transição de forma lenta ou gradual, considerando aspectos históricos e usuais da língua. É um fenômeno que pode implicar a substituição de uma palavra, em determinado contexto, por um sinônimo equivalente.

Nessa direção, na análise dos dados, recorreu-se à amostra *unha encravada* para exemplificar a proposta do autor. O termo em destaque assume uma nova semântica no contexto abordado, considerando que foi retirado de outro costumeiramente utilizado para se referir a um problema legislativo, tornando-se, portanto, uma inovação lexical, uma relexicalização.

Nessa teoria de Bréal (1992), é possível entender que o léxico sofre alterações morfológicas, sintáticas, semânticas e se estabiliza, se mantém ou se modifica em meio a uma rede de relações de poder, a fim de atender a determinado público/contexto. Essa transformação acompanha o processo de evolução da língua, objeto deste estudo. Para elucidar esse processo, será apresentado, em seguida, a conceituação de modelo tridimensional, bem como a definição de relexicalização, dentro, ainda, do campo “inovação lexical”.

## 2.6 O modelo tridimensional

O modelo tridimensional do discurso, segundo Fairclough (2001, p.100), é a concentração de três tradições analíticas essenciais na análise do discurso. Tal método apresenta a descrição linguística do texto, bem como a interpretação

das relações entre práticas discursivas e práticas sociais. Refere-se a uma visão tridimensional de análise do discurso que compreende três campos principais de um escopo teórico direcionado para o lado social da linguagem, com todas as implicações políticas e ideológicas.

Nessa perspectiva, Fairclough indica que essas três esferas possibilitam avaliar as relações entre mudança discursiva e mudança social, de forma a relacionar essas mudanças a instâncias textuais. Tal entendimento relaciona a análise textual e linguística à tradição macrosociológica (estruturas sociais) de análise da prática social, assim como à tradição microsociológica (interpretativa) de considerar a prática social criada pelas pessoas, compreendendo-a a partir do senso comum compartilhado.

De acordo com o entendimento do autor, “a criação de novas entidades é uma característica da nominalização que tem considerável importância cultural e ideológica”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.227). Nessa direção, esclarece ainda, que:

como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230).

Fairclough (2001, p. 237) descreve, ainda, que “a criação de itens lexicais gera novas categorias culturalmente importantes”. Conforme esclarecimento do autor, é possível compreender que a palavra com diferentes significados, ou seja, com uma nova lexicalização, traz implicações sociais, políticas e culturais.

Constata-se, portanto, e em oposição à teoria de Saussure (2006), que modelo tridimensional abordado por Fairclough (2001), bem como os modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2001) e, ainda, a teoria de Breál no que se refere à motivação do signo, corroboram o objeto desta pesquisa que analisa, a relexicalização na esfera midiática e defende que os signos não são arbitrários, são motivados ideologicamente de acordo com o contexto de uso.

## 2.7 Relexicalização

Fairclough (2001, p. 230-231) afirma que “a criação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras”. Em sequência, o autor esclarece que as palavras possuem “significado-potencial”, que é estabelecido nos dicionários e prescreve como serão as referências dos conceitos. Entretanto, diversas questões sociais e culturais estão relacionadas a esse significado potencial, fazendo com que algumas palavras tenham seus significados modificados no decorrer do tempo.

Para entendermos o objeto desta pesquisa, é necessário fazer uma breve introdução acerca da aceção do termo “relexicalização”. De acordo com Fairclough,

Um foco recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica, sobre questões, tais como a **‘relexicalização’** dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas (é bem conhecido o exemplo de **relexicalização** de ‘terroristas’ como ‘lutadores pela liberdade’ ou vice-versa), ou como certos domínios são mais intensivamente lexicalizados. (FAIRCLOUGH, 2001, p.105, grifos meus).

De acordo com essa definição apresentada por Fairclough (2001), é possível entender a relexicalização como um termo que adquire uma nova semântica de acordo com o contexto em que se encontra, sem sofrer nenhuma alteração morfológica.

Nessa perspectiva, e conforme abordado anteriormente, questões ideológicas implicam a construção do sentido em contextos sociais, políticos, culturais etc. Os termos relexicalizados que serão apresentados na descrição e na análise de dados desta pesquisa sofreram alterações semânticas em ambientes em que é possível perceber motivações ideológicas. Entende-se, portanto, que a relexicalização ocorre para atender a públicos distintos e acompanhar o processo de evolução da língua. Em resumo, para esta pesquisa, a inovação lexical ocorre visando a adaptação do signo a um contexto específico, motivada por questões ideológicas.

### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste item, serão descritos e analisados os dados coletados. Nesta etapa, os elementos serão apresentados e detalhados por meio de fichas neológicas, nas quais serão considerados o contexto, o tipo de unidade, a fonte e domínio de referência. Por fim, será apresentada a análise descritiva das fichas neológicas.

Para embasar a classificação gramatical, bem como o significado dos dados coletados, recorreu-se aos gramáticos Bechara (2009), Cunha e Cintra (2011), bem como aos dicionários Aulete (2011), Bechara (2011) e Houaiss (2009).

A seguir, observam-se as fichas neológicas que esquematizam o corpus desta investigação acadêmica, apresentando 7 (sete) exemplos desse fenômeno intitulado relexicalização.

#### Ficha 1 – Lava-Jato

<b>TERMO RELEXICALIZADO:</b> <i>Lava-Jato</i>
<b>CONTEXTO:</b> As conversas indicam ainda que houve negociações para alterar leis com o objetivo de prejudicar a Lava-Jato. Com Sérgio Machado, Sarney fala de uma medida provisória sobre acordo de leniência que o governo Dilma Rousseff editou para facilitar que empresas admitam culpa e possam voltar a fazer negócios com o setor público.
<b>SIGNIFICADO:</b> Nome utilizado pela Polícia Federal para investigar suspeitos de corrupção.
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Lava + Jato (verbo + nome)
<b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Substantivo
<b>TIPO DE UNIDADE:</b> Composição
<b>FONTE:</b> oglobo.globo.com
<b>DOMÍNIO DE REFERÊNCIA:</b> Jornalístico

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

Embora seu uso já tenha se popularizado, o nome da operação “lava-jato” teria assumido essa acepção por decorrer do uso de uma rede de lavanderias e

postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações inicialmente investigadas. (ficha 1)

Conforme publicação da jornalista Mariana Londres (2016), essa teoria é irônica, considerando que o estabelecimento não possui, na prática, uma instalação de lava a jato de automóveis. O nome é proveniente de uma lavanderia de roupas que funciona no local. A jornalista completa afirmando que é “um negócio lícito usado como fachada para um esquema de lavagem de dinheiro. Em cima da lavanderia ficava a Valortour, casa de câmbio que fazia operações legais e ilegais do câmbio negro, segundo as investigações”.

Nota-se, no contexto coletado, que “lava-jato” é um exemplo de *deslocamento*, pois perdeu o conceito original (lava a jato) de instalação destinada para lavar automóveis e assumiu a acepção de nome de investigação policial, e, com isso, as conotações negativas de lavagem de sujeira foram transferidas para um outro plano, pois não se lava a sujeira, mas a ilicitude do dinheiro.

Observa-se, ainda, que “lava-jato” é composto por um verbo e um nome e a sua categoria morfosintática é substantivo. O referido termo corresponde a uma novidade semântica, ocorrida quando um léxico já existente assume uma nova acepção semântica. (CORREIA; LEMOS, 2005, p. 17-18).

## Ficha 2 - Coxinhas

<b>TERMO RELEXICALIZADO: <i>Coxinhas</i></b>
<b>CONTEXTO:</b> Em praticamente todas as democracias, a política contemporânea tem sido marcada pela polarização e pelo discurso extremista e irracional. O ódio assumiu o lugar do diálogo produtivo nas disputas entre republicanos e democratas, entre liberais e conservadores, ou mesmo – para usar os termos da moda aqui no Brasil – entre <b>coxinhas</b> e mortadelas. A vitória de Justin Trudeau, do
<b>SIGNIFICADO:</b> Associado a uma ideologia política de direita.
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> coxa + inha + s (nome + sufixo)
<b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Substantivo

TIPO DE UNIDADE: Derivada (derivação sufixal)
FONTE: g1.globo.com
DOMÍNIO DE REFERÊNCIA: Jornalístico

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

Na ficha 2, observa-se, no recorte do texto, que o termo “coxinha” deriva de um substantivo a partir de um nome e de um sufixo. Nesse caso, remete a uma ideologia política de direita. O termo em questão, embora lexicalmente existente, assume um novo significado nessa ocorrência, sendo, portanto, uma novidade semântica, segundo Correia e Lemos (2005).

De acordo com a jornalista Margarete Schmidt (2017), uma das hipóteses para o surgimento do termo está relacionada a uma gíria antiga em São Paulo que antes era um xingamento direcionado aos policiais. “Encarregados de fazer a ronda, eles se alimentavam de coxinha em bares e lanchonetes – e, em troca, garantiam a segurança local.” Faziam uma segurança momentânea a alguns comerciantes que lhes pagavam apenas com coxinha e café coado. “A expressão passou então a ser sinônimo daquele que defende um *status* ao qual não pertence. Ele defende os ricos, pensa ser rico, mas na verdade é um objeto a serviço dos ricos. Um instrumento para subjugar os seus iguais”.

Cabe salientar que, pelo contexto de aparição, o nome surgiu para designar as pessoas de ideologia política de direita que comem coxinhas, em oposição às de esquerda (que será analisado a seguir), que comem mortadelas, pois recebiam lanches pagos por sindicatos, órgãos públicos, que continham esse embutido. Dessa forma, o processo além de ser uma relexicalização, é ainda um *tropo* e uma *fragmentação*, tendo em vista que essa polarização segrega grupos ideologicamente incompatíveis, tornando-os inimigos dentro de um contexto político, que pode se estender, muitas vezes, para as relações pessoais.

### Ficha 3 - Mortadelas

**TERMO RELEXICALIZADO:** *Mortadelas*

<p><b>CONTEXTO:</b> Em praticamente todas as democracias, a política contemporânea tem sido marcada pela polarização e pelo discurso extremista e irracional. O ódio assumiu o lugar do diálogo produtivo nas disputas entre republicanos e democratas, entre liberais e conservadores, ou mesmo – para usar os termos da moda aqui no Brasil – entre coxinhas e mortadelas. A vitória de Justin Trudeau, do</p>
<p><b>SIGNIFICADO:</b> Associado aos simpatizantes e defensores do Partido dos Trabalhadores (PT).</p>
<p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Mortadelas</p>
<p><b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Substantivo</p>
<p><b>TIPO DE UNIDADE:</b> Estrangeirismo</p>
<p><b>FONTE:</b> g1.globo.com</p>
<p><b>DOMÍNIO DE REFERÊNCIA:</b> Jornalístico</p>

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

No mesmo contexto de “coxinhas”, a origem do termo “mortadelas” está associada ao cenário político. De acordo com Prado (2016), está relacionado aos militantes petistas que recebem lanches, geralmente pão com mortadela, para participarem de manifestações a favor do governo.

Nesta abordagem, “mortadelas” é um substantivo e se refere aos simpatizantes e defensores do Partido dos Trabalhadores (PT). O léxico é um estrangeirismo e está presente nos dicionários pesquisados com uma acepção alimentar. Nessa ocorrência, o termo é considerado, pois, uma novidade semântica, segundo Correia e Lemos (2005). Assim como no exemplo anterior, os envolvidos nessa definição apartam-se ideologicamente do grupo em contraparte, nas mesmas condições acima descritas.

#### Ficha 4 - Lacrar

**TERMO RELEXICALIZADO:** *Lacrar*

<p><b>CONTEXTO:</b></p> <p>“Segura, Brasil, que ela veio pra <b>lacrar!</b>”, escreveu a cantora. “Falei isso no carnaval onde cantamos juntas pela primeira vez e hoje repito. Eu amo representar as gay tudo (<i>sic</i>). Mas ter uma drag fazendo sucesso pra todos os públicos no país onde mais se mata gays no mundo não tem preço! Arrasa!”, completou <b>Anitta</b>. Veja os vídeos postados pela carioca no Instagram Stories:</p>
<p><b>SIGNIFICADO:</b> É uma maneira de dizer que a pessoa foi bem em algo. Realizou algo e obteve sucesso.</p>
<p><b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Lacr + e + ar (Radical + vogal temática + sufixo)</p>
<p><b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Verbo</p>
<p><b>TIPO DE UNIDADE:</b> Derivada (derivação sufixal)</p>
<p><b>FONTE:</b> <a href="http://gente.ig.com.br">http://gente.ig.com.br</a></p>
<p><b>DOMÍNIO DE REFERÊNCIA:</b> Jornalístico</p>

**Fonte:** A autora, baseado em SILVA, 2013 adaptado de Correia e Lemos, 2005.

O temo “lacrar”, no contexto abordado, significa que alguém executou bem uma tarefa e obteve sucesso. Para a colunista Silva (2017), a expressão teve início quando uma usuária de uma rede social de vídeos elogiou o novo álbum de uma cantora. Desde então, o termo passou a ser disseminado, principalmente na comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT), e se popularizou ao ser utilizado para se referir a pessoas que “mandam bem” e que “arrasam” em alguma atividade.

É importante salientar que a acepção gramatical do termo é associada a selar, fechar e isolar. No contexto em questão, até poderia caber mais algum tipo de elogio, mas lacrar surgiu para substituir todos os outros, sendo suficiente para causar o efeito esperado.

De acordo com os modos de operação da ideologia apresentados por Thompson (2011), nessa abordagem, o termo “lacrar” pode ser considerado uma *eufemização*, pois foi descrito com o objetivo de despertar uma valoração positiva de alguém em determinada situação. Nesse sentido, o verbo teve uma derivação de um nome (lacre) + o sufixo (ar). Conforme a conceituação de Correia e Lemos (2005), o termo abordado, ainda que lexicalmente existente,



assume um novo significado nessa ocorrência, sendo, portanto, uma novidade semântica.

#### Ficha 5 - Pedaladas

<b>TERMO RELEXICALIZADO: <i>Pedaladas</i></b>
<b>CONTEXTO:</b> A defesa sustenta que a edição dos decretos foi um remanejamento de recursos, sem impactos na meta fiscal, e que não houve má-fé da presidente na edição dos decretos. Sobre as “pedaladas”, diz que não são empréstimos, mas prestações de serviços e que Dilma não teve participação direta nos atos.
<b>SIGNIFICADO:</b> A “pedalada fiscal” foi o nome dado à prática do Tesouro Nacional de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e também privados) e autarquias, como o INSS.
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> Pedal + ada + s (nome + sufixo + número)
<b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Substantivo
<b>TIPO DE UNIDADE:</b> Derivada (derivação sufixal)
<b>FONTE:</b> g1.globo.com
<b>DOMÍNIO DE REFERÊNCIA:</b> Jornalístico

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

O termo “pedaladas”, nesta abordagem, refere-se à “pedalada fiscal” que foi o nome dado à prática do Tesouro Nacional de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e também privados) e a autarquias, como o INSS.

De acordo com Rodrigues (2015), o termo, na forma dicionarizada, refere-se ao impulso que se dá ao pedal e ao drible de jogador de futebol. O jornalista cita que mesmo sendo um jargão usado esporadicamente, “pedaladas” adquiriu uma nova semântica ao se referir a um “artifício contábil de atrasar pagamentos devidos pelo Tesouro a bancos públicos, com o objetivo de maquiar despesas”. Faz referência, também, à analogia com o drible consagrado pelo jogador de futebol Robinho: “a ideia, afinal, é a mesma: enganar o “adversário”, que no caso é o fiscal”.

Nesse entendimento, de acordo com os modos de operação da ideologia, o termo coletado é um claro exemplo de *tropo*, visto que caracteriza o uso figurativo da linguagem para dissimular uma relação de poder.

Nesse sentido, o substantivo se derivou a partir de um nome (pedal) e de um sufixo (ada). No contexto encontrado, segundo Correia e Lemos (2005), o termo é considerado uma novidade semântica.

#### Ficha 6 - Laranja

<b>TERMO RELEXICALIZADO: <i>Laranja</i></b>
<b>CONTEXTO:</b> <p>João Procópio é apontado pelos investigadores como "<b>laranja</b>" e operador das contas do doleiro Alberto Youssef, um dos delatores do esquema de corrupção que atuava na Petrobras. Ele chegou a ser preso pela 7ª fase da Lava Jato, mas foi libertado posteriormente por ordem do juiz federal Sérgio Moro, responsável pela Lava Jato na primeira instância.</p>
<b>SIGNIFICADO:</b> Associado a uma pessoa que disponibiliza consciente ou inconscientemente seu nome e conta bancária para que outra, utilizando tais dados, faça negociações ilícitas sem expor sua identidade.
<b>ESTRUTURA MORFOLÓGICA:</b> laranja (nome)
<b>CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA:</b> Substantivo
<b>TIPO DE UNIDADE:</b> Primitiva
<b>FONTE:</b> g1.globo.com
<b>DOMÍNIO DE REFERÊNCIA:</b> Jornalístico

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

Conforme os modos de operação da ideologia de Thompson (2011), como exemplo de *tropo*, o termo “laranja”, apontado acima, significa, na linguagem popular, a pessoa que intermedeia transações financeiras fraudulentas, emprestando seu nome, documentos ou conta bancária consciente ou inconscientemente para ocultar a identidade de quem a contrata. Metaforicamente, no contexto abordado, é usado para dissimular relações de poder. A criação de “laranja” tem, entre outras motivações, o intuito de escapar do fisco.

Apesar de incerta a origem do termo, uma das teorias, de acordo com o criminalista e doutor em Direito Político, Técio Lins e Silva, em entrevista ao colunista Salomão (2006), é uma expressão policial pouco utilizada no meio jurídico, associada, sobretudo, a crimes de evasão fiscal, lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio. De acordo com o doutor em Letras, Cláudio Moreno, também em entrevista ao colunista Salomão (2006), é praticamente impossível rastrear a origem do termo. Acrescenta, ainda, que “é um termo usado popularmente. Não há registro histórico sobre a origem. [...] Há diversas teorias, especulações. Eu, particularmente, já pesquisei e desisti de descobrir porque a língua portuguesa, em muitas ocasiões, não é lógica.”

Outra hipótese acerca da origem, apresentada por Salomão (2016) é que o uso do termo remete a períodos em que beber em público era proibido. Dessa forma, injetavam bebidas alcoólicas em laranjas e bebiam em público, sobrando, ao final, apenas o bagaço e com essa prática, burlavam a fiscalização. A ligação, nessa hipótese, se daria “pelo fato de o verdadeiro beneficiário do dinheiro ilícito extrair tudo do ‘laranja’”.

O doutor em Letras, Claudio Moreno, conclui afirmando que “Não passam de teorias [...]. É daqueles casos em que, simplesmente, uma palavra com um significado completamente diferente foi emprestada para se referir a outra coisa”.

A conclusão de Cláudio Moreno reforça a ideia inicial de que o termo em questão, embora lexicalmente existente, assume um novo significado nessa ocorrência, sendo, portanto, uma novidade semântica, segundo Correia e Lemos (2005). Assim, tem-se um substantivo primitivo, ou seja, não se derivou a partir de outra palavra.

#### Ficha 7 – Unha encravada

TERMO RELEXICALIZADO: <b><i>Unha encravada</i></b>
CONTEXTO:

O líder acrescentou que escutou um pequeno diálogo em que Delúbio dizia que ele e Jefferson poderiam se ajudar mutuamente e "resolver eventual problema de unha encravada". O relator do processo no conselho, deputado Jairo Carneiro (PFL-BA), perguntou que unha encravada seria essa. Múcio respondeu que é "essa unha que agora está aí em todos os jornais", em referência ao mensalão.
SIGNIFICADO: Termo utilizado para se referir ao Mensalão.
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Unha + encravada (nome + adjetivo)
CATEGORIA MORFOSSINTÁTICA: Substantivo e adjetivo
TIPO DE UNIDADE: Primitiva
FONTE: <a href="http://www.clicrbs.com.br">www.clicrbs.com.br</a>
DOMÍNIO DE REFERÊNCIA: Jornalístico

**Fonte:** A autora, baseado em Silva (2013), adaptado de Correia e Lemos (2005).

O termo “unha encravada”, no contexto abordado, foi utilizado por um líder de um partido político durante uma declaração para a Câmara dos Deputados, que disse ter ouvido um diálogo entre dois deputados. Na ocasião, o referido deputado disse que poderiam se ajudar e “resolver eventual problema de unha encravada”. O líder foi indagado pelo relator do processo sobre o significado do termo, ao qual respondeu referir-se a “essa unha que agora está aí em todos os jornais”, em referência ao mensalão.

Nesse contexto, tem-se o referido termo como um exemplo de *deslocamento*, considerando que é uma palavra costumeiramente usada para se referir a um problema de saúde, que foi deslocada para fazer alusão a um bloqueio associado à prática de corrupção, e com isso, as conotações negativas de empecilho, dificuldade e obstáculo foram transferidas. Não foram localizadas outras referências para reforçar a origem dessa expressão, mas é possível inferir que o deputado a utilizou para fazer analogia à doença que, mesmo latente, traz incômodos e transtornos assim como a corrupção, pois sempre há a ameaça de o crime ser descoberto.

Assim, tem-se um substantivo primitivo acompanhado de um adjetivo, ou seja, não se derivou a partir de outra palavra. De acordo com o entendimento de

Correia e Lemos (2005), o referido termo corresponde a uma novidade semântica, ocorrida quando um léxico já existente assume uma nova acepção.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O propósito deste estudo foi investigar, na esfera midiática, o uso de relexicalizações utilizadas em jornais *on-line*, bem como analisar a ideologia como o discurso a serviço do poder presente nessas inovações lexicais, sob a luz da Análise de Discurso Crítica, relacionando os termos com as práticas de revisão de texto e com a Gramática Normativa. Para essa finalidade, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para corroborar a análise descritiva e uma pesquisa de coleta de dados. Nessa direção, este trabalho pretendeu revelar o processo de inovação semântica no contexto abordado.

Esta pesquisa contemplou o referencial teórico, que subsidiou a análise dos termos coletados numa perspectiva crítica, apontando que as amostras em questão são investidas de ideologias motivadas por contextos sociais, políticos e culturais distintos. Nessa direção, foi possível investigar, descrever e analisar as ocorrências de termos relexicalizados na esfera midiática, bem como refletir acerca do processo de evolução da língua portuguesa falada no Brasil, sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica.

No âmbito deste estudo, entende-se que esta pesquisa foi relevante para compreender o processo de edificação do conhecimento a respeito das inovações lexicais presentes no discurso, sobretudo das ideologias investidas na esfera midiática, bem como refletir que compete ao revisor de textos, na prática das suas atribuições, agir de forma crítica, considerando todos os aspectos, variedades e inovações lexicais, ciente de que a língua está em constante processo de evolução com a finalidade de adequar para atender a todos os grupos sociais.

## RELEXICALIZATION IN THE MEDIA: Analysis of lexical innovations based on Critical Discourse Analysis

### ABSTRACT

This paper aims to study the relexicalization in the media based on the Critical Discourse Analysis approach. Considering the frequency of this phenomenon, this research seeks to investigate the emergence of these lexical innovations, as well as to reflect on the process of evolution of the Portuguese language spoken in Brazil. To this end, a bibliographical research was carried out to corroborate the descriptive analysis and data collection. Thus this work aimed to present the process of semantic innovation in the context, pointing out the ideological motivations that the lexicon goes through to take on the new semantics, considering, for these resignifications, social, political and cultural contexts.

**Keywords:** Relexicalization. Media. CDA. Lexical Innovations.

### REFERÊNCIAS

- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009.
- BRÉAL, Michel (1904). *Ensaio de Semântica*. Tradução F. Aída et al. São Paulo: Fontes/Educ, 1992.
- CLIC RBS. *Política. Líder do PTB diz que conhecia negociações com o PT*. Disponível em: <http://clicrbs.com.br/especial/rs/tecnologia/19,0,887976>,. Acesso em: 30 out. 2017.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em Português*, 1. Ed. Parábola, 2012.
- CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo. *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Colibri, 2005.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

G1. *Política. Auditor do TCU diz que pedaladas causaram 'dano muito grande'.* Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-ouve-testemunha-de-acusacao-no-julgamento-de-dilma.html>. Acesso em: 30 out. 2017.

G1. *Política. Operação Lava Jato.* Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/lava-jato-repatria-us-16-milhao-de-contas-de-laranja-de-youssef-informa-ministerio.gh.html>. Acesso em: 30 out. 2017.

GUROVITZ, Hélio. *Mundo. Globo.com.* Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/para-alem-de-coxinhas-e-mortadelas.html>. Acesso em: 30 out. 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IG. *Gente. Celebrities.* Disponível em: <http://gente.ig.com.br/celebridades/2017-09-08/anitta-pablo-vittar.html>. Acesso em: 11 nov. 2017.

KOCH, Indegore G. Vilaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LONDRES, Mariana. *Notícias. Posto que deu nome à Lava Jato funciona normalmente em Brasília mesmo com o dono preso há dois anos.* Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/posto-que-deu-nome-a-lava-jato-funciona-normalmente-em-brasilia-mesmo-com-o-dono-presos-ha-dois-anos-17032016>. Acesso em: 14 nov. 2017.

LUSTOSA, Solange de Carvalho, *Brasilidade no Cinema Nacional: Problematizando os Processos de Identidade*. Brasília: UnB, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

O GLOBO. Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sarney-renan-prometem-investigado-interferir-na-lava-jato-19380295>. Acesso em: 30 out. 2017.

PRADO, Victor. *Fatos Curiosos. Qual a origem dos apelidos "coxinha" e "mortadela"?* Disponível em: <https://m.fatosdesconhecidos.com.br/qual-origem-dos-apelidos-coxinha-e-mortadela/>. Acessado em: 14 de novembro de 2017;

RODRIGUES, Sérgio. *Sobre Palavras.* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/pedalada-fiscal-tambem-e-drible/>. Acessado em: 14 de novembro de 2017;

SALOMÃO, Lucas. *Política. Uso do termo 'laranja' para designar ocultação de bens tem origem incerta.* Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/01/uso-do-termo-laranja-para-designar-ocultacao-de-bens-tem-origem-incerta.html>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SILVA, Sara. *O que significa Lacrar no Twitter*. Disponível em: <https://tecnologia.umcomo.com.br/artigo/o-que-significa-lacrar-no-twitter-16900.html>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SCHMIDT, Margarete. *Cultura. Qual o significado de coxinha?* Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/cultura/316723/Qual-o-significado-de-coxinha.htm>. Acessado em: 14 nov. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

THOMPSON, Jhon B., *Ideologia e Cultura Moderna*, 9. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.